REVISTA MACAMBIRA
LABORATÓRIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS, RURALIDADES E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL
Volume 2. Número 2. 2018.

UMA PAISAGEM EM PAISAGENS DA RESISTÊNCIA: AS PICHAÇÕES EM VILA AUTÓDROMO

Victor Tinoco
Geógrafo (PUC-RIO), mestre em Ciências Sociais – Desenvolvimento, Sociedade e Agricultura (CPDA/UFRRJ), doutorando em Geografia pela PUC-RIO e pesquisador do Grupo de Estudos Urbanos e Rurais (URAIS) da PUC-RIO.
E-mail: victortinoco85@gmail.com

ARTIGO

Recebido: 19 de novembro de 2018 Aceito: 20 de dezembro de 2018

RESUMO: O objetivo do presente texto é explorar a multidimensionalidade e escalaridade da paisagem a partir da compreensão das práticas espaciais de insurgências, como formas de resistência à desterritorialização, promovida pelos processos de territorialização do capital, tomando como exemplificações das estratégias de resistência as pichações na Comunidade Vila Autódromo, decorrentes dos conflitos de tentativas de remoções que marcaram a cidade do Rio de Janeiro, durante a execução das obras para as Olimpíadas de 2016. Com o exemplo da Vila Autódromo, podemos analisar as múltiplas dimensões da paisagem e suas apropriações na resistência cotidiana, considerando, assim, a apropriação do espaço como instrumento na luta contra o processo de desterritorialização.
Palavras-chave: Paisagens da Resistência. Pichações. Vila Autódromo.

ABSTRACT: This paper aims to study the landscape's multidimensionality and scale from the understanding of space practices of insurgencies as ways of resistance to wards deterritorialization caused by the capital territorialization. Examples of resistance strategies are the graffiti in Vila Autódromo, Rio de Janeiro, resulting from the conflicts of attempted removals that marked the city during the process of executing the constructions for 2016 Olympics. From this example, we can analyze the multipledimension soft hel and scape and their appropriations in daily resistance, thus considering thea ppropriation of space as na instrument in the fight against the process of deterritorialization.
Keywords: Resistancelandscape. Graffiti. Vila Autódromo.

INTRODUÇÃO

A paisagem como um conceito geográfico ganhou diferentes formas analíticas e interpretativas na epistemologia geográfica. Sendo questão central da análise da geografia clássica, passou a ser renegada no decorrer das mudanças paradigmáticas do pensamento geográfico e assumiu conotações no debate geográfico atual, carregando em si o caráter material e imaterial.

Isso nos abre uma linha de debate sobre suas percepções tanto na geografia física quanto na geografia humana, em que o tema sociedade/natureza nos mostra essa condição da materialidade da natureza e da técnica (relevo, hidrografia, biomas, prédios, cidades etc.) e da imaterialidade (simbólico, cultural) como expressão do homem sobre a superfície terrestre. Essas dimensões abrem as janelas dos diferentes signos e processos naturais e sociais expressos em sua inter-relação.

Nesse sentido, o objetivo do presente texto é explorar a multidimensionalidade e escalaridade da paisagem a partir da compreensão das práticas espaciais de insurgências, como forma de resistência à desterritorialização promovida pelos processos de territorialização do capital. Tomamos como exemplificações das estratégias de resistências as pichações na Comunidade Vila Autódromo, decorrentes dos conflitos de tentativa de remoções que marcaram a cidade do Rio de Janeiro no processo das obras para as Olimpíadas de 2016. Com o exemplo da Vila Autódromo, podemos analisar as múltiplas dimensões da paisagem e suas apropriações na resistência cotidiana, considerando a apropriação do espaço como instrumento na luta contra o processo de desterritorialização.

Vila Autódromo é uma comunidade ao lado do antigo Autódromo Clube do Rio de Janeiro, em frente à Lagoa de Jacarepaguá, localizada no bairro de Curicica. Hoje toda essa região compõe o chamado Eixo Olímpico, onde está localizado o complexo esportivo das Olimpíadas do Rio 2016. Podemos ver dado arranjo na figura 1.

Figura 1: Localização de Vila Autódromo.



FONTE: BBC BRASIL.[1]

A iniciativa de remoção da prefeitura tinha como justificativa as obras de saneamento e dragagem do complexo olímpico e, indiretamente, a abertura de terrenos para empreendimentos imobiliários hoteleiros. Antes do início das obras das Olimpíadas Rio 2016, a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro havia feito inúmeras tentativas de remoção da população que ali mora, o que foi se intensificando, consideravelmente, com o início das obras no eixo da Avenida Salvador Allende e Avenida Embaixador Abelardo Bueno.

Vila Autódromo era constituída por aproximadamente 600 famílias. Muitas receberam indenizações e outras aceitaram a mudança para o Morar Carioca, versão da prefeitura para o projeto Minha Casa, Minha Vida do governo federal. No entanto, somente 24 famílias permaneceram no local e conseguiram que a prefeitura implementasse um projeto de reurbanização na comunidade, que já foi "entregue".

Há inúmeros relatos de assédio a lideranças, de ações autoritárias por parte da prefeitura e outras ações que forçavam os moradores a saírem de suas casas para os empreendimentos do Minha Casa, Minha Vida, construído na Estrada dos Bandeirantes. Em contrapartida, temos que destacar a iniciativa de vereadores da cidade como Reimont Otoni (PT) e Renato Cinco (PSOL) na luta contra as remoções, além do papel da paróquia da

[1]Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/03/150305_rio2016_vila_autodromo_rm_jp

comunidade, juntamente com o papel do Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas, na luta e promoção de um projeto de urbanização popular, agregando Universidade, Movimentos Sociais e a Comunidade.

Uma marca dessa comunidade são as pichações feitas por moradores para denunciar as ações autoritárias por parte da prefeitura. Nessas pichações, denuncia-se não somente a ação municipal, mas todo o modelo de desenvolvimento desigual que foi imposto à cidade como base da especulação imobiliária e parte dos interesses do projeto Olímpico.

A pichação se caracteriza, assim, como uma forma de linguagem, como um instrumento de resistência, uma forma de ação direta e expressão da resistência. É a partir desse aspecto que a paisagem será utilizada no presente trabalho como uma ferramenta analítica.

Para isso, se faz necessário pensar metodologicamente como usar o jogo conceitual para compreender o processo de resistência em sua dimensão espacial. A constelação de conceitos proposta por Haesbaert (2014) é instrumental importante, pois abarca uma proposta analítica de integração entre os conceitos geográficos dentro da categoria espaço e suas variações de acordo com as questões que surgem diante do real.

O espaço como categoria-mestra e os conceitos como território, paisagem, região, lugar, meio ambiente, na metáfora do autor, como planetas circulando o sol, compõem um sistema. E esse sistema nos possibilita apropriar das diferentes categorias de formas multidimensional e multiescalar. Nesse sentido, nossa questão sobre as estratégias de resistência tem como base a análise da paisagem, que dialoga com os conceitos de lugar, território, região e meio ambiente.

A paisagem, nessa compreensão, é dada como representação. Trabalhá-la como representação é tê-la como visão e, essencialmente, percepção. Com isso, a objetividade e subjetividade da espacialidade podem revelar inúmeras formas de ação humana e suas marcas pela superfície.

As representações serão trabalhadas com base na concepção de Lefebvre (2004), segundo o qual:

> Las representaciones son productos que no derivan directamente de ninguno de los componentes de La práctica sino de sus interferencias. Intermediarios entre lo vivido incierto y lo concebido elaborado, los contenidos inherentes a las formas de las relaciones sociales (naturaleza y sexo, vida y muerte, cuerpo y espíritu, espacioy

> tiempo, debilidad y poder, etcétera) dan lugar a representaciones múltiples y diversas, a la vez flotantes y fijas, escurridizas y estereotipadas. Como lo vieron bien y analizaron mal los filósofos, ninguna de las formas de la opinión (doxa) y de lo empírico se re-presenta ais la da mente sino atraves de lasdemás. Lo cual permite comprender el carácter paradójico de lasrepresentaciones; no son "hechossociales" análogos a cosas, pues no poseen una consistencia propia (p. 199).

As representações apresentam o aparente e o oculto, de forma a expressar o que autor coloca como o representado-representante-representação, construídos no cotidiano dos sujeitos e que serão observados por nós nas formas símbolos da paisagem.

Com isso, a paisagem, como apropriada na luta contra a desterritorialização, será entendida por nós como resistência, segundo a perspectiva de Scott (2002; 2013), que pode tanto se apresentar na forma de confronto como na forma passiva. A primeira se dá como ação direta, podendo ocorrer em manifestações, atos contrários, paralisações que publicizem a luta no confronto direto contra o "inimigo". Já a passiva se expressa no cotidiano, no conjunto de relações sociais, de maneira subjetiva, em práticas voltadas para a sobrevivência.

Esta pode ser exemplificada por quebras de máquinas, pela construção de casas em áreas de desapropriação na tentativa de receber indenizações e, também, pela não aceitação de contratos indenizatórios, por serem considerados baixos os valores oferecidos. De todo modo, a resistência pode ser lida como uma tríade de ações de insurgência-subordinação-sobrevivência. Isso a partir do exemplo da linguagem das pichações em Vila Autódromo.

O trabalho será dividido em três partes. A primeira faz um breve debate sobre paisagem para compreendermos melhor as interfaces desse conceito e suas complexas relações entre sociedade e natureza, cultura e simbolismo. Em um segundo momento, debateremos o papel do grafite e especialmente das pichações como instrumentos de resistência à ordem dominante. E, na terceira parte, analisaremos esses processos com o exemplo da Vila Autódromo.

INTERFACES SOBRE A PAISAGEM

Cosgrove (2004) afirma que a geografia está em toda parte. Para os geógrafos, de modo geral, essa é uma das principais premissas da disciplina. Como se apresenta essa geografia em toda parte? De que maneira? A paisagem seria essa expressão da geografia? A resposta à última pergunta talvez seja sim, pelo fato de que é o que vemos, ou seja, a paisagem

é entendida como visão/percepção do concreto, no entanto, um concreto carregado de representações construídas pelas práticas humanas sobre a superfície da terra.

Para compreender a geografia, é necessário entender somente a paisagem? Não. A paisagem vai compor parte de uma série de elementos do que será compreendido como espaço geográfico. Para Santos (2014), o espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de ações. Tal leitura leva a análise para um conjunto de sistemas abertos de ações que se dão em objetos materiais, concretos, em que só há vida devido à ação, ao movimento, composto por uma série de intencionalidades. Ou seja, a paisagem é o espaço enquanto incompleto, sendo o espaço muito mais complexo.

Como colocamos acima, vamos compreender a paisagem dentro de uma constelação de conceitos, porque ela se integra a uma lógica do espaço, uma categoria-mestra, central. Com isso, paisagem também expressa o território, o lugar, a região. Nesse sentido, é percebida como uma representação do espaço.

Obviamente que, nesse jogo de representações, ela é concreta e abstrata, visto isso na geografia e na sua divisão científica, enquanto geografia física e humana. Possui múltiplas dimensionalidades tanto objetivas quanto subjetivas, recebendo influência dos campos da ecologia, geomorfologia, fenomenologia e outros, que adentram no pensamento geográfico construindo diferentes percepções de paisagem e complexificando a apreensão dos processos da relação sociedade e natureza/ homem e meio.

Então, podemos observar a paisagem enquanto natureza natural e, ao mesmo tempo, como uma natureza artificial, como uma imagem da apropriação humana e suas formas de representação social e como um sistema natural de interações entre o meio abiótico e biótico. Isso expressa as diversas matrizes do pensamento geográfico.

A origem da paisagem tem como base a dimensão geológica, produto dos processos endógenos (tectonismos, vulcanismos, sismicidade) que fazem a geração de grandes massas rochosas e de conjuntos montanhosos. A paisagem ganha um sentido de substrato, sendo um meio abiótico de estudos dos processos da transformação do planeta.

Trata-se de uma abordagem que dimensiona a paisagem no que muitos chamariam de natural, observada somente em sua dimensão enquanto natureza sem intervenção humana e vista somente a partir de processos naturais, não como um processo social.

Segundo Sansolo (2008), os processos naturais não deixam de ocorrer com a ação do homem. Na realidade, eles interagem com a dinâmica social de maneira integrada em seus efeitos positivos e negativos.

O desenvolvimento do pensamento ecológico, a partir da teoria dos sistemas, traz o homem como um dos elementos da dinâmica dos ecossistemas, um de seus componentes, mas fundamentalmente como promotor do desequilíbrio ecológico, que eles denominam como fatores antrópicos.

Isso é analisado pela linha chamada de ecologia da paisagem, que busca estudar as influências do homem na dinâmica ecológica. Metzger (2001) define a ecologia da paisagem como:

> uma disciplina holística, integradora de ciências sociais (sociologia, geografia humana), geo-físicas (geografia física, geologia, geomorfologia) e biológicas (ecologia, fitossociologia, biogeografia), visando, em particular, a compreensão global da paisagem (essencialmente "cultural") e o ordenamento territorial (p. 3).

Para esse campo, a paisagem é espaço, é uma interação entre uma série de mosaicos ecológicos, tendo ou não atuação antrópica. Tem como base o trabalho de Forman (1995), *Land mosaics*, que trata a paisagem como um mosaico de ecossistemas locais alinhado a diferentes usos do solo, repetido com forma similar em uma vasta área. Forman (1995) não agrega o homem como elemento do ecossistema, somente leva em consideração a lógica ecológica, a natureza em si mesma.

O fator antrópico dentro das ciências ambientais e ecológicas ganhou mais destaque para entendimento de novos mecanismos de preservação e transformação da paisagem, que passa a ser compreendida como um processo histórico, como meio de atuação do homem em seu desenvolvimento social e cultural, transformando a paisagem natural em paisagem artificial. Solórzano*et al* (2009) diz "que fica evidente a importância da relação do ser humano com o espaço, gerando uma intrínseca relação de uso e troca com o meio físico" (p.53).

Esse uso e troca do homem com o meio, dito pelo autor supracitado, nos remete, de acordo com Ab'Saber (2003), à paisagem como uma herança, como um processo contínuo de marcas entre homem e meio em uma relação histórica. Seguindo esse sentido da relação sociedade e natureza, a história ambiental emerge como um campo de análise dessa herança humana junto aos ecossistemas. Assim:

> As paisagens são impregnadas de passado. São como que "heranças das sucessivas relações entre homem e natureza", podendo ser vistas tanto como um produto da coevolução das sociedades humanas e do meio natural, quanto a expressão territorial do metabolismo que uma dada sociedade mantém com o sistema natural que a sustenta (RIBEIRO, 2015, p.278).

As preocupações da história ambiental, segundo Ribeiro (2015), dirigem-se à análise dos efeitos da história humana na biodiversidade, as diferentes histórias de manejos das áreas e suas consequências na recomposição dos ecossistemas. Essa reconstituição da história demonstra o movimento de transformação do território, narrada pelas marcas deixadas pela presença humana na natureza, nesse caso, as florestas.

Tal abordagem nos remete ao fato de a natureza conter uma memória traçada pela recomposição de ecossistemas e suas modificações em sua composição biológica e apropriação de acordo com o tempo. Tanto quanto memória ou herança, a paisagem, para Santos (2014), é um conjunto de acúmulo de formas desiguais de muitos momentos, "é uma escrita sobre a outra" (p.73).

O ponto de partida de Santos (2014) é a ideia da paisagem em movimento histórico em representação da ação do homem na superfície e de seus modos de produção. Essa ação é carregada de intencionalidades. A paisagem seria uma mediação na relação sociedade/natureza, sendo a base física das marcas e das representações que surgem sobre ela. É a demonstração da técnica, especificamente do trabalho:

> É uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas. Por isso, ela própria é parcialmente trabalho morto, porque formada por elementos naturais e artificiais. A natureza natural não é trabalho. Já o seu oposto, a natureza artificial, resulta de trabalho vivo sobre trabalho morto. Quando a quantidade de técnicas é grande sobre a natureza, o trabalho se dá o trabalho (SANTOS, 2008, p.74).

A partir do trabalho, o mundo humano vai sendo escrito na superfície terrestre, evidenciando os momentos das técnicas e as relações com a natureza e a apropriação dos meios naturais. A paisagem faz com que a natureza seja parte do mundo social, como um meio de representação das técnicas.

Os marxistas tratam tal tema como primeira natureza e segunda natureza. A primeira como meio intocado, sem o homem. A segunda como meio produzido pelo trabalho. É nele que o homem expressa o humano. O trabalho traz significado, desenvolve o homem como um ser social, dá sentido, não somente o material, mas o imaterial, o simbólico e o cultural.

A dimensão subjetiva ganha destaque, pois é a percepção humana que dá sentido aos conteúdos produzidos pelo homem, seus signos e as múltiplas culturas:

> A paisagem também é uma maneira de ver e imaginar o mundo. Mas é primeiramente uma realidade objetiva, material, produzida pelos homens. Toda paisagem é cultural, não essencialmente por ser vista por uma cultura, mas essencialmente por ter sido produzida dentro de um conjunto de práticas, e segundo valores que, de certa forma, ela simboliza (BESSE, 2014b, p.30).

A geografia cultural tem uma abordagem sobre a paisagem subjetiva, como um espaço da experiência dos sentidos, do vivido, das linguagens que se apresentam a partir e através dela. Com isso, a paisagem consiste numa análise "de categorias, de discursos, de sistemas filosóficos, estéticos, morais, que a paisagem deve pretensamente prolongar e refletir" (BESSE, 2014b, p.13).

Compreendendo o mundo pelas representações dos sujeitos coletivos e suas culturas, assim como sujeitos individuais, Besse (2014a) discute a paisagem como uma dimensão polissensorial da vida, já que ela está em toda parte, é sentida e percebida de diferentes maneiras pelo corpo e pelo movimento da sociedade, da cultura, frente às mudanças do mundo e de cada lugar. É um movimento multiescalar, vertical e horizontal, cotidiano, produzido e reproduzido contraditoriamente. Essa contradição quebra uma pseudo-harmonia da cultura e, essencialmente, da subjetividade, dando-lhe tensões.

As interfaces aqui colocadas nos remetem para uma compreensão dialética da objetividade e da subjetividade, da produção e da reprodução, da sociedade e da natureza, nos baseando em Berque (1998), em sua concepção de marca e matriz, segundo o qual a paisagem é marca de um processo e matriz também para novos. Sendo assim, a paisagem é um palimpsesto, integrada, interativa e contraditória.

A leitura da paisagem nos revela inúmeras dimensões e enfoques da ação humana sobre a terra, as marcas e as matrizes para novas linguagens. Nesse sentido, a paisagem para o foco da resistência é uma categoria para interpretar o oculto e o público e um instrumento de presença simbólica dos sujeitos em seus territórios.

As várias linguagens apresentam os conflitos entre as paisagens dominantes, as paisagens subordinadas e as paisagens da resistência, refletidas mutuamente no espaço e nas lógicas de produção e reprodução da vida. Não é a natureza que expressa a contradição, mas

sim a ação humana, o processo de modo geral, um processo excludente e assimétrico, entre pontos de vista dos sujeitos dominantes e dominados.

Ao tratarmos a paisagem como instrumento de resistência, no caso de insurgência, ela também coloca a subordinação a lógicas hegemônicas, mas usadas para a luta pela sobrevivência de seus modos de vida contra a desterritorialização transversalmente pelas pichações, o que veremos em Vila Autódromo.

PICHAÇÃO

Entendemos as pichações como formas de linguagem da realidade urbana, que se insurge contra o padrão uniforme de cidade contemporânea. Elas são vistas como expressões sociais para controle do território e de contestação. Para nós, o ato de pichar expõe a resistência.

Pichação e Grafite tiveram a mesma origem, porém o segundo é tratado hoje como uma expressão cultural. Segundo Tartaglia (2010, p.21), o Grafite é "um fenômeno particular e desvinculado da pichação. Considerado uma vertente da cultura hip-hop, o *graffiti* passou a representar uma nova forma de manifestação social nas cidades brasileiras", destacadamente a partir da década de 1990. A Pichação ganha um contexto mais marginal na lógica da cidade contemporânea, tratada como crime ambiental. Ambas são formas de comunicação insurgentes, representações da resistência via cultura da periferia, mas o Grafite hoje é aceito por parte da ordem dominante e é entendido como arte contemporânea. No entanto, o quesito do ilegal e insubordinado das pichações nos chama atenção para a dinâmica do conflito, no enfoque da paisagem, o anonimato de quem picha.

As pichações possuem uma história de destaque na luta política brasileira desde o período da Ditadura Militar. Pichações como "Abaixo à Ditadura" eram formas de manifestação contra o regime autoritário da época e eram ações rápidas justamente a fim de que os autores fossem invisíveis e ao mesmo tempo visíveis para a política instituída.

Fernandes (2011) observa que, no decorrer dos anos no Brasil, as pichações ganharam contornos diferentes, dando outras perspectivas à resistência:

> observávamos uma resistência política contra a ditadura, depois a apologia das drogas e a demarcação do território, vemos agora surgir uma autoria que não só se objetivou como um sujeito social, mas também subjetivou-se ao assumir o papel de ser uma voz de alerta contra as injustiças sociais. Cada vez que se inscrevem textos nos

> muros é uma voz que dispara uma reação contra uma sociedade voltada para interesses econômicos e produtivos sem considerar a humanidade de cada ser (p. 242).

A resistência expressa nos muros é uma forma de linguagem que se apropria da paisagem. A pichação é um meio de comunicação, linguagem de resistência contra a ordem dominante, que também a vê como uma forma de insurgência contra a sua subordinação. É um jogo entre visível e invisível, a ausência física, mas uma presença simbólica do sujeito no conflito. Um sujeito dotado de voz que se mantém em anonimato.

AS PICHAÇÕES EM VILA AUTÓDROMO

Ao entrarmos na página da rede social Facebook da Comunidade de Vila Autódromo, nos deparamos com uma série de fotos de suas pichações e grafites, que afirmavam uma tática de resistência usada pelos moradores. Elas mostram uma dimensão do cotidiano, especialmente uma forma de controle do território e o conflito através da paisagem. A figura 2 a seguir, retirada da rede social, demonstra isso:

FIGURA 2: Pichação em Vila Autódromo.



FONTE: Página da Vila Autódromo no Facebook[2]

[2] Disponível em: https://www.facebook.com/vivaavilaautodromo/> Desde: 9 de abril de 2012. Acesso em: 29 de junho de 2017

A Pichação ao fundo ilustra a resistência ao processo de desterritorialização, indica que o lugar simboliza o conflito que se coloca na luta para permanecer em seu território. Os sujeitos estão anônimos, mas presentes enquanto sujeitos coletivos, enquanto territorialidades, como podemos ver na figura 3:

FIGURA 3: Pichação em Vila Autódromo.



FONTE: Página da Vila Autódromo no Facebook[3]

Lugar e paisagem, por mais indissociáveis que sejam, trazem a perspectiva do olhar (da representação inserida) e fundamentalmente toda a carga do vivido. Podemos aqui explorar a ideia do (re) existir, cuja lógica é a existência do sujeito em seu espaço de vida, onde desenvolve sua história e firma sua memória.

O conflito faz com que o sujeito busque estratégias em conjunto de táticas de seu cotidiano para sobreviver ao processo de desterritorialização frente à territorialização do capital. É clara a assimetria de forças sobre os sujeitos, porém a insurgência rompe com a dinâmica homogeneizadora do capital, transformando os sujeitos e suas territorialidades durante o processo de luta.

A apropriação da paisagem nas estratégias de resistência cotidiana é uma das táticas de uso do espaço como instrumento de luta. A ressignificação da paisagem denuncia as desigualdades e injustiças sociais, imprimindo novas esperanças, e inserem esses sujeitos em outros cotidianos que vão além de suas escalas do vivido.

[3] Disponível em: https://www.facebook.com/vivaavilaautodromo/> Desde: 9 de abril de 2012. Acesso em: 29 de junho de 2017

Figura 4: Pichação em Vila Autódromo direcionada a Prefeitura do Rio de Janeiro.



FONTE: Página da Vila Autódromo no Facebook[4]

FIGURA 5: Pichação em Vila Autódromo.



FONTE: Página da Vila Autódromo no Facebook

Besse (2014a) afirma que a paisagem política é feita pelo ordenamento estatal, é uma paisagem construída pela ordem:

> A paisagem política é, antes, a paisagem da grande escala, que manifesta as visões do poder e se estende através de um espaço

[4]Disponível em: https://www.facebook.com/vivaavilaautodromo/> Desde: 9 de abril de 2012. Acesso em: 29 de junho de 2017

> percebido como homogêneo e uma extensão a controlar. É marcada pelos grandes trabalhos que permitem organizar o território e delimitá-lo graças a fronteiras visíveis e teoricamente invioláveis. Os grandes dispositivos técnicos, as obras de arte, as pontes, os viadutos, as barragens, os aeroportos, as estações, as linhas de alta tensão, as linhas de trens de alta velocidade etc., manifestam também as escolhas e as decisões de um governo central (p. 250-251).

Por outro lado, a paisagem em Vila Autódromo é da microescala, é uma outra política que emerge da resistência, da luta pelo território, pelos direitos de ter direitos. As paisagens da resistência simbolizam, como Cosgrove (2004) denominou, paisagens alternativas à ordem, insubordinadas.

Como apontado no início do texto, somente 24 famílias permaneceram na Comunidade e receberam novas moradias no plano de reurbanização proposto pela prefeitura do Rio. Por mais que a reurbanização tenha derrubado as casas e repassado outras novas, a paisagem da resistência continua presente. O corpo entra como elemento geográfico, pois carrega a memória da luta.

O sujeito, de acordo com Massey (2013), está aberto a inúmeras possibilidades de construção de uma nova realidade, produzindo novas paisagens que possam vir a ser alternativas e de rupturas a essa ordem, porque é uma capacidade criadora do espaço. De tal modo, paisagem é um contínuo de marca e matriz, produção e reprodução de uma nova espacialidade.

Ao trazermos Vila Autódromo para nosso debate de resistência, explorando o conceito de paisagem, podemos analisar a relação de apropriação do espaço em sua expressão visual. Ao lermos a paisagem, o vivido, o percebido e o concebido entram em um movimento de jogo de estratégias entre dominantes e dominados, bem como de suas relações de insurgência, subordinação e sobrevivência a essa lógica desigual e injusta que se impõe às populações mais pobres, nos levando à compreensão da organização do espaço e de suas apropriações pelos sujeitos produtores dele.

A tática de pichação é uma representação do sujeito em sua condição de anônimo, usando o silêncio de seu cotidiano e o conhecimento sobre ele. É uma tática de apropriação do espaço, que reage a "uma sociedade normatizadora, inscrevendo dizeres nos muros; por sua vez, a organização social replica, impondo novas normas para a questão da desobediência civil" (FERNANDES, 2011, p. 245).

Tais normas se expressam na figura da prefeitura do Rio, no modelo de cidade que se impõe e em suas ações recorrentes de assédio junto aos moradores que ali permaneceram. Os casos de ação da guarda municipal para pressionar a saída dessa população e a relação cotidiana com a obra do parque Olímpico e do entorno, de acordo com os relatos, tinham intencionalidades de afronta aos moradores.

A paisagem construída pelas pichações demonstra a indignação e a resistência contra a pressão produzida pelos agentes do capital em conluio com a prefeitura do Rio, que queria a saída dos moradores de suas casas.

Olhar Vila Autódromo é olhar uma paisagem da resistência, da memória e da luta contra o capital. É olhar outras paisagens que possam vir a ser criadas contra a ordem hegemônica.

PICHANDO CONCLUSÕES

As pichações em Vila Autódromo serviram como exemplo para nossa reflexão sobre a resistência, a partir da concepção metodológica da constelação de conceitos de Haesbaert (2014), cujo conceito de paisagem nos guiou na análise da problemática estudada.

A paisagem é um conceito polissêmico e muito plural em seus usos analíticos. Ela nos desafia a pensar de maneira objetiva e subjetiva, mostra o processo histórico como formato da atuação humana e suas transformações, de acordo com os modos de produção.

Quando a analisamos como resistência, podemos perceber sua potencialidade não só como elemento interpretativo do real, mas como instrumental da luta em sua dimensão cotidiana, e também como marca e matriz de possibilidades de novas espacialidades. Ela não pode ser dada como uma categoria secundária, muito menos como uma mera base da ação, ela é parte de todo um movimento da sociedade. Ela é natureza, sociedade, objetividade, subjetividade, forma, conteúdo, espaço.

Em suma, ao trabalharmos as pichações em Vila Autódromo, estudamos as táticas de resistência e apropriação do espaço na luta contra o processo de desterritorialização no avanço da territorialização do capital. A paisagem tem uma potencialidade infinita para o desenvolvimento de bases analíticas e, essencialmente, criadoras de novas estratégias de resistência cotidianas diante da ordem dominante: uma paisagem em paisagens da resistência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SÁBER, A. N.**Os domínios da natureza no Brasil**: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BERQUE, A. Paisagem Marca, Paisagem Matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p.84-91.

BESSE, J. M. Entre a geografia e a ética: a paisagem e a questão do bem-estar. Trad. Eliane Kuvasney e Mônica Balestrin Nunes. **GEOUSP – Espaço e Tempo**,São Paulo, v. 18, n. 2, p. 241-252, maio/ago. 2014a.

_____. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014b.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda a parte. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p. 92-123.

FERNANDES, E. M. F..**Pichações: discursos de resistência conforme Foucault.** Acta Scientiarum. Language and Culture (Online), v. 33, p. 231-240, 2011

FORMAN, R. T. T. **Land Mosaics: Ecology of Landscapes and Regions.** CambridUniversity Press – Text Book, 1995, Part I, p. 3-40.

HAESBAERT, R.**Viver no limite**: **território e multi/transterritorialidade em tempos in-segurança e contenção.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

LÉFÈBVRE, H.**La presencia y La ausência**: contribuición a la teoria de lãs representaciones. Mexico, DF: Editora Fondo de Cultura Economica, 2004. p. 166-210
MASSEY, Doreen B. ***Pelo espaço:*** *uma nova política da espacialidade.* 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

METZGER, J. P.O que é ecologia de paisagem? **Biota Neotrópica**, Campinas, v. 1, n. 1/2, p. 1-9, out. 2001.

OLIVEIRA, R. R.. Fruto da terra e do trabalho humano: paleoterritórios e diversidade da Mata Atlântica no Sudeste brasileiro. **Revista de História Regional**, v. 20, p. 277-299, 2015.

SCOTT, J..**A dominação e a arte da resistência:discursos ocultos**. Lisboa: Livraria Letra Livre, 2013.

_____. **Formas cotidianas da resistência camponesa**. *Raízes.* Vol. 21, nº. 1, jan-jun/2002. p. 10-31.

SOLÓRZANO, A.; OLIVEIRA, R. R.; BRUNI, R. R. G. Geografia, História e Ecologia: criando pontes para a interpretação da paisagem. **Ambiente e Sociedade**, Campinas, v. XII, n. 1, p. 49-66, jan./jul. 2009.

SANSOLO, D. G. **Paisagem como Categoria Geográfica de Análise.** In: VII Encontro Nacional da ANPEGE- Associação Nacional de Pós Graduação em Geografia, 2007, Niterói. VII Encontro Nacional da ANPEGE: Espacialidades Contemporâneas: o Brasil, A América Latina e o Mundo. Niterói: ANPEGE/UFF, 2007.

SANTOS, M..**A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

TARGAGLIA, L. R. da S. **Geograf(it)ando: a territorialidade dos grafiteiros na cidade do Rio de Janeiro.** 2010.180 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense.

Redes Sociais Acessadas

Vila Autódromo. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/vivaavilaautodromo/> Desde: 9 de abril de 2012. Acesso em: 29 de junho de 2017.

Jornais e Revistas

MENDOÇA, R & PUFF, J. Riscos, pressão e escombros: a rotina de quem desafia as remoções do Rio-2016. **BBC - Brasil**, São Paulo, 9 de março de 2015. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/03/150305_rio2016_vila_autodromo_rm_jp